

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS
 EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE
 (25 NUMEROS) 500 RS.
 FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE
 (25 NUMEROS) 570 RS.
 BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 23000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
 NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
 NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
 NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

AVEIRO

A FUNDO

SOBRE OS

REPUBLICANACEOS

Mil vezes apontámos n'este jornal os erros politicos dos dirigentes e o pessimo caminho, que incutiam á democracia portugueza. Em lugar de nos ouvirem, os soldados, em lugar de prestarem attenção ás accusações que formulavamos, accusações incontestaveis porque eram bem fundadas e profundamente verdadeiras, preferiam associar-se ao autoritarismo dos chefes e a vomitar calumnias contra os idolos. Pois então ahí teem o resultado.

Uma das allegações dos republicanaceos para fundamentarem a supposta aliança, fusão é que ella era ou ha de ser, com um grupo monarchico, é a inefficacia do acto eleitoral. Ora nós já mostrámos no numero anterior como essa inefficacia provem em grande parte da inhabilidade e dos erros do directorio. Directorio que, por um jornal de qualquer localidade lhe censurar os actos, põe de parte, n'uma lucta eleitoral, não só esse jornal e a facção que lhe é inherente, como os republicanos todos da terra em que elle se publica, deu provas tão cabaes da sua insignificancia que só um partido desorientado e o poderia depois d'isso tolerar. Pois nem só o tolerou, como ninguém, a não ser o *Povo de Aveiro* que rompeu para sempre as suas considerações com elle, o increpou por esse facto. Partido que merecia, infelizmente, a sorte que hoje tem!

Portanto, ahí está um dos motivos porque o acto eleitoral nunca chegava aos resultados satisfatorios que todos desejavamos. Não é preciso mais nada para se ver quanto o corpo dirigente de um partido é incapaz da missão difficil, que lhe é imposta. Directorio, que tinha amuos de creança, que se esquecia da sua missão impessoal e collectiva para só se lembrar dos despeitos e do orgulho ferido de cada um dos seus membros, lavrava a sua condemnação manifesta para o bom desempenho do seu cargo.

Ahi está a inefficacia, ahí está a *insufficiencia dos processos* a que se refere o sr. Jacintho Nunes. Não que mais uma duzia ou menos uma duzia de votos dos republicanos d'Aveiro influisse no resultado geral das eleições. Mas porque estabelecido esse principio deploravel, o que se deu connosco havia de se dar com outros, e então ia-se a fé, ia-se a dedicacão, ia-se o enthusiasmo, sem os quaes não ha partidos viaveis nem politica possivel.

Foi em 1884 que isso succedeu e o prenuncio grave d'então desenvolveu-se em 1887 para produzir consequencias funestas. As

eleições d'este anno foram mais uma demonstração completa da incapacidade do directorio. Foram uma vergonha, que ha de ficar para sempre na historia do partido republicano como grilheta atada ao pé d'esses que nem ao menos teem pejo de nos vir ainda falar em *insufficiencias de processos empregados*. Agora não foi já e só os republicanos d'Aveiro que não foram ouvidos sobre as condições de lucta da sua localidade, sobre as suas forças, sobre os meios de que dispñham, sobre o que sentiam dos candidatos propostos; agora foi tudo, com poucas excepções. Estão na memoria de todos as scenas tristissimas que se deram com os republicanos do Porto. Interrogam-nos sobre a lucta eleitoral, mas depois não respondem ás perguntas nem ás instancias repetidas da dissolvida Junta! E assim por toda a parte. Nada de consultar ou de ouvir as influencias eleitoraes ou os homens mais considerados pelo seu valor intellectual ou local. Aquillo foi de empreitada e de palpito!

Queixam-se das chapeladas e das falsificações das actas! Chapeladas e falsificações por culpa do directorio, em grande parte. Se o directorio, em lugar de deixar ao abandono os republicanos d'Aveiro, os republicanos do Porto, os republicanos de toda a parte, lhes incutisse alento e vida com todos os meios de que possesse dispôr, o conselho, a recommendação instante, a rhetorica em ultimo caso, que ainda é instrumento de valia em circumstancias d'estas, nem as urnas ficariam abandonadas como ficariam, nem os nossos correligionarios trabalhariam com o desalento com que todos trabalharam. E vigiadas as urnas, e organizada a resistencia por concelhos, que se podia organizar em multissimos d'elles, ficavam em grande numero annulladas as burlas, e as chapeladas pela certidão dos votos obtidos por cada candidato, certidão que a lei nos faculta ao findar o acto eleitoral em cada assembleia.

São *insufficiencias os processos empregados até hoje e apertada a situação do partido republicano!* Então o sr. Jacintho Nunes julga que ha de fazer politica republicana a caçar perdizes nas suas propriedades? Pegasse na sua mala, e fosse por esse paiz fóra no periodo eleitoral trabalhar com os seus correligionarios pela causa democratica. Fosse-os animar com a sua presença, enthusiasmal-os com o seu prestigio. Fosse o sr., fosse o sr. Magalhães Lima, fosse o sr. José Elias, fosse o sr. Consiglieri Pedroso, fossem todos, que assim se faz na Italia, assim se faz na França, assim se faz na Inglaterra, assim se faz em todas as nações em que se pensa e trabalha. Fê-lo Gambetta, fa-lo Gladstone, fa-lo Salmeron, fazem-no todos que teem sinceridade e teem convicções. E se o fizessem em vez das devassidades, orgias e intrigas em que andavam mettidos, não estaria o partido republicano na situação apertada em que dizem e

certos individuos no estado grave de saude em que estão. Com mais moralidade e mais sinceridade, não só fortaleceria o organismo pessoal como engrandeceria o organismo politico.

Não estão para se incommodar, não querem arriscar os seus interesses? Então passem a soldados, então deponham o bastão do commando. E para quem quer; quem não quer ou não pode, largue. Com a certeza de que enquanto forem chefes, enquanto forem dirigentes, nós podemos e devemos exigir-lhe mais, muito mais, o sufficiente para não comprometterem o destino d'um partido e o futuro d'uma grande causa.

Por ventura o directorio republicano, que sancionou a proposta jacinthacea, pode falar em *insufficiencia de processos empregados*, elle, que nada tem feito d'aproveitavel e util? Elle, que, pelo contrario, tem desaproveitado e perdido o que havia? Elle, que foi sempre mudo a todas as reclamações dos republicanos da provincia? Dizei lá, republicanos, quantas vezes pedistes aos chefes, principalmente no periodo eleitoral, que vos fosse um d'elles dar alento aos mais timidos com a sua presença, fé aos mais debéis com a sua palavra, calor aos mais frios com as suas doutrinas? E quantos lá foram? Nenhum, em regra geral. Nenhum! E ainda assim o partido abandonado, o partido á toa, o partido sem rumo deu uma affirmacão brilhante da sua vitalidade a ponto de que ninguém pode dizer em absoluto que fossem inefficazes as campanhas eleitoraes. Isto é, se os chefes não fizessem bem, mas tambem não dêssem *cabecadas* a cada instante, o partido republicano seria poderosissimo. Se tivessem energia, tacto e talento para o governar e dirigir, a monarchia teria as suas horas precisa e fatalmente marcadas. Poderiamos mandar fazer o fado de gala com que lhe iriamos assistir ao enterro em dia certo e determinado.

Continuaremos.

Já vimos no numero passado como o *Conimbricense* dava por certa a continuacão das negociações entre barjonaceos e republicanaceos. Hoje ahí vae o que escreve para o *Primeiro de Janeiro* o correspondente d'este jornal em Lisboa.

Corre em Lisboa com insistencia que, se não está feita uma aliança entre o sr. Barjona e todo o partido republicano, o está pelo menos entre aquelle estadista e uma parte importante d'este partido. Affirma-se que o sr. dr. Jacintho Nunes e os seus amigos se aliam a elle. O sr. Jacintho Nunes é uma das maiores influencias eleitoraes do paiz. O concelho de Grandola e muitos outros concelho do Alentejo são-lhe em extremo affecoados e a sua influencia n'elles é poderosa. E pois, uma boa aliança, melhorada com o sr. Jacintho Nunes um homem de caracter energico e audaz intelligencia.

Note-se que este correspondente é redactor do *Diario Popular*, um dos jornaes que mais fa-

voracem a causa barjonacea e dos que mais andam em dia com a sorte da triste patrulha. Portanto, está ao facto do que se passa.

Pois hão de ser servidos com a influencia eleitoral e a audaz intelligencia do sr. Jacintho Nunes. *Audaz intelligencia!* Tem graça e não offende.

Mas como elles se estimam!

EXPLICAÇÕES

Sob este titulo, o nosso estimado collega o *Combate*, onde um pedaço d'anno publicou umas tolices a que demos o correctivo devido, publica o seguinte:

Um artigo publicado no nosso numero anterior, e cuja doutrina só conhecemos pela queixa do ex.^{mo} dr. José Jacintho Nunes, Carrilho Videira, e uma local do nosso donotado e consequente collega *O Povo de Aveiro*, obriga-nos a dar mais uma vez peremptorias explicações, não só pelo respeito e consideracão que nos merecem os queixosos, mas, sobretudo, pelo respeito a nós mesmo e á verdade.

O artigo incriminado foi-nos enviado de Lisboa, por um cavalheiro que desconfiamos pessoalmente, mas que, na carta de responsabilidade que recebemos, se nos apresenta com toda a circumspecção o que nos inspirou confiança; devido aos nossos afazeres, não podemos fazer a revizão, em que somos por vezes substituidos por amigo de absoluta confiança politica, mas irreflectido, e sobre tudo d'uma boa fé que muitas vezes nos compromette, o que se deu no caso presente.

E' nossa porém a responsabilidade, nosso é tambem o dever de dar explicações precisas e claras, não tentando sequer attribuir as insolencias do artigo incriminado á multa leviandade do autor que em quasi todos os pontos em que toca foi prejudicial a nós e á causa que suppoz defender.

Nada temos de commun com a doutrina do artigo, cujos dislates condemnamos e repellimos, mas que sabiu publicado na nossa folha devido á multiplicidade dos nossos afazeres; todavia, repetimos, aceitamos a responsabilidade que nos cabe, vindo publicamente dar aos cavalheiros a quem involuntariamente offendemos, a satisfacção precisa.

Adversarios leaes, inimigos irreconciliaveis mesmo podemos ser, não desceremos porém a indignidades que só sujam quem as pratica, elevando quem se pretende denegrir.

Cumprindo o nosso dever, ficamos dispensando aos illustres queixosos a mesma consideracão e respeito, a mesma amizade leal que sempre mereceram a

Roque Faria.

Sempre suppozemos o *Combate*, e essa justiça lhe faziamos, estranho aquellas insidias.

A PENA DE MORTE

O sr. José Carvi, na sua imprudente philantropia, trocou da autoridade scientifica do sr. Ferraz de Macedo e da nossa ignorancia em tomarmos por mestre aquelle conhecido craneologista. Estámos certo de que estará a esta hora arrependido da troca e sem vontade de no futuro trocar de ninguém. Porque se deve ter convencido, emfim, e d'isso se podia ter convencido ha muito porque não é d'hontem que nos co-

nhece nem pessoalmente nem jornalisticamente, de que nunca vámos atraz d'autoridades alheias, mas d'uma convicção que soubermos adquirir para que saibamos justifica-la; de que nunca fizemos obra pelo que pensam os outros, mas pelo que muito bem ou muito mal pensa a nossa cabeça, sem que queira dizer nada que muitos outros pensam da mesma maneira; e de que nunca avançamos em publico uma opinião sem termos os elementos preciosos para a defender com algum pezo e com a seriedade e a probidade de que nos presamos. Se citámos o dr. Ferraz de Macedo foi simplesmente para mostrar a incoherencia ou a falta de senso d'aquelles jornaes, que festejando-o tanto pelos seus livres estavam escouçando as opiniões que o illustre anthropologista n'elles defende. De resto, tanto o não podiamos ter á conta de mestre que, se estámos d'accordo com elle na pena de morte, discordamos d'elle n'outros pontos do seu modo de ver, sem que por isso tenhamos pela sua incontestavel erudição e a sua capacidade provada o desdem que merecem ao sr. José Carvi.

Não temos, pois, nem tutores nem mestraços e esperamos de os não ter em tempo nenhum. Ficará para os *discipulos* do sr. Theophile Braga! Mas já que o nosso antagonista nos disse que na defeza da pena de morte ficaríamos só com o sr. Ferraz de Macedo, vae ver que ainda ahí se enganou. E' verdade que nunca andámos muito acompanhado, e esperamos que nunca andaremos, nas questões em que temos entrado. Já Phocion explicou o motivo ha seculos! Mas, ainda assim, a companhia em que vámos não é tão insignificante e tão pobre que mereça a compaixão dos applaudidos da turba. *Se a turba me applaude é porque eu disse tolice*, exclamava o philosopho grego! Ora o dicto ficou tão verdadeiro, que, na verdade, não são d'invejar os louros da massa.

Pelas observações e deducções scientificas em que nos temos fundado, vê-se que nenhum homem pensante e bem orientado pode ser inimigo da pena de morte. Inimigo da pena de morte é o sentimentalismo. Elle e só elle! Ora o sentimentalismo, que é um grau no estacionamento da civilisacão, que é um trambolho no progredir das nações, ha de cahir, na evolução da humanidade, perante a sciencia para dar lugar á razão. E então a pena de morte, sem duvida muito menos applicada que hoje, porque uma educacão bem delineada e dirigida e leis sabias que presidam á creação da especie preparão uma raça forte, sadia de corpo e sadia d'espírito, ficará ainda assim como recurso extremo, inevitavel e preciso, de defeza, de previdencia e de selecção. Só merece o nome de homem o que trabalha! Só tem direito á vida aquelle que, como a monera n'essas massas enormes que Haeckel desabriu no fundo dos mares, como a hydra no polypo hydrario, corre no limite das suas forças,

Das suas aptidões e da sua capacidade para alimentar a collectividade de que elle se alimenta. Só pode viver, o que sabe usar e prevalecer-se da vida, produzindo porque consome e dispendendo porque aproveita.

O que perturba o organismo social não é uma guilhotina funcionando efficaç e regularmente. Essa depura-o! E a chusma, que vai para ali, de escriptores, de jornalistas, de deputados, de ministros, de magistrados e outros, a escreverem receitas para melhoria e cura d'esse organismo que desconhecem até ao infimo grau. Lembra, na phrase grande de Spencer, o barbeiro a curar o organismo humano, isto é, o organismo individual. E assim como o barbeiro receita ao acaso a mata quasi sempre o doente, assim a sociedade é victima a cada instante d'esses charlatães que se propõem dirigi-la.

No ultimo congresso de anthropologia criminal, o dr. allemão Albrecht, proferindo sem duvida o mais notavel discurso que se ouviu no decorrer das sessões, sustentando com observações importantes a theoria modernissima de que o criminoso é um ser normal e de que o homem honesto é que é anormal, proferiu estas memoraveis palavras:

«O facto dos homens criminosos serem normaes não impede que os seus crimes sejam punidos. Os homens normaes, isto é, os homens honestos, matam e castigam os homens normaes, isto é os criminosos, porque estes não se deixam anormalisar. O caso do homem criminoso não ser o homem anormal mas o homem normal, não deve attenuar os castigos; ao contrario, deve duplicalos. A escola positivista, portanto, que encontra na inferioridade physica do criminoso circumstancias attenuantes da criminalidade, é uma escola doentia e daminha.»

E a defeza calorosa da pena de morte, como se vê! E no seio d'aquelle gremio de sabios como Moleschott, como Vogt, como Ranke, como Letourneau, como Brouardel, como Magitot, como Lacassagne, como Benedikt, como muitos outros que assistiam ao congresso, houve indignações de Seculo, de Diario de Noticias, ou d'outro qualquer papelucho de barbeiro sem sciencia nem consciencia? Não; diz a acta da sessão, que temos á vista, que o discurso de Albrecht foi a cada instante apoiado pela assembleia e no fim coberto de applausos unanimes. Houve dois ou tres, é certo, que não acceitaram as conclusões scientificas do professor allemão, prestando aliaz homenagem ao valor das communicações scientificas que fez ao congresso. Mas nem essas contestações acharam n'aquelle gremio illustre os applausos que teve o discurso de Albrecht, nem se dirigiam á necessidade de eliminar os delinquentes por habito. E eis outras provas.

Garofalo, membro do congresso, pede a reforma do codigo penal. Defende uma lei para os reincidentes, de maneira que os contumazes em gatuagem e attentados aos costumes sejam, sem forma de processo, desterrados perpetuamente para uma colonia affastada. Que coração de rola! E em Portugal que nem para os grandes assassinos ha de grado perpetuo, quanto mais para os simples gatunos e para os que inoffensivamente attentam contra os costumes! Contra os costumes! Já o Barjona lá estava, na colonia longiqua, com o que nada se perdia, franqueza, franqueza.

Para os culpados de ociosidade, vadiagem e mendicidade reclama os trabalhos publicos de preferencia á prisão. Pede muitas outras substituições no codigo neste sentido e a reforma d'alguns artigos, mas sobre a pena de morte nem uma palavra!

Vito Porto, outro membro do congresso, tambem fala da re-

forma do codigo penal. Esse zarçaga-se com o ministro da justiça em Italia que, n'essa occasião, estava propondo ao parlamento uma reforma que suavizava o codigo existente! Epalinda a modificação de muitos artigos do velho codigo sardo, nem uma palavra sobre a pena de morte. Ao contrario, reconhece-a implicitamente quando pede a sua commutação para os crimes d'assassinato motivados n'uma provocação.

O professor Puglia, outro membro do congresso, que tambem quer a reforma do codigo, leva o seu coração de rola até reclamar para as tabernas e armazens de vinhos este tratamento: 1.º que se fechem uma hora em seguida ao pôr do sol; 2.º que se castiguem com multa e prisão os violadores d'essa medida; 3.º que se fechem todos os dias feriados; 4.º que se castigue a bebedeira habitual. Tudo o mais que pede é n'esse sentido de repressão. Sobre branduras e suavidades de punições nem uma palavra!

Se em Portugal se propozesse tal coisa saltavam os barbeiros todos para a rua, quer dizer, os dirigentes da nossa sociedade, a gritar contra o despotismo e pelas regalias individuaes. Entretanto, quantos crimes, quantas desordens, quantos desequilibrios não ficariam prevenidos com esse regimen sobre tabernas e bebedos?

Pugliesi, outro membro do congresso, pede a abolição do direito de commutação e d'amnistia.

Barzilay diz que importa distinguir o delinquente nato ou instinctivo, do delinquente occasional. «Quando as anomalias anthropologicas, a natureza especial do delicto e a maneira porque foi commettido nos apresentam o typo do delinquente nato, não ha meio de defeza social que não seja eliminai-o.» O mesmo congressista, para que se tirem todos os meios d'attracção ás prisões, propõe a abolição das rações de carne e de vinho, o trabalho mais fatigante, e o producto d'esse trabalho, nao ja a o preso mas para outros institutos uteis da sociedade que o sustentam e que lhe soffre os malficios.

Por onde pode vêr o sr. José Carvi que não somos só nós e o sr. Ferraz de Macedo os defensores da pena de morte, mas tudo quanto estuda a valer e pensa a serio no mundo. Já que falou em auctoridades, ali lhe ficam auctoridades, cujas opiniões, como viu, não nos foram precisas para defendermos e justificarmos a pena de morte. A nossa argumentação individual bastou para isso.

Mas já agora ouvirá auctoridades até ao fim. Ainda faltam algumas, que virão no numero proximo, sem esquecer uma muito predilecta do sr. José Carvi, a unica de valor attendível que se fundou para nos chamar ignorante.

Vão ouvindo!

O sr. Virgilio Crespo, que assistiu ao ultimo congresso, diz em artigo publicado no Combate, que, em vez da harmonia e da concordia a que se referem os jagodes do Seculo e da Folha do Povo, reinou n'esse congresso a maior desharmonia e desordem. Que o directorio foi interpellado vivamente desde a primeira sessão. Que o relatório financeiro e politico dos dirigentes, uma vergonha como tudo que em assumptos politicos sahe da mão do sr. Theophilo Braga, um patetinha n'estas cousas praticas da vida, foi desfiado e posto a nú por alguns congressistas, como um embroglio sem nome. Que o directorio levou ao congresso individuos que não eram representantes de nenhum jornal nem de nenhum centro. Que o directorio tinha desde o principio arregimentado alguns congressistas para lhe votarem todos os disparates. Que

um membro do congresso propoz que as sessões acabassem á meia noite, porque depois d'essa hora n'õ se podia continuar na sala os congressistas que eram operarios.

O directorio oppoz-se á approvação da proposta. Poderá! Pois ali é que ia a trapaca.

E fim, que o directorio a'ropellou por todas as formas o regimento do congresso e os principios mais rudimentares de todas as assembleias.

Já tudo isso se conhecia e sabia. Mas bom foi que um membro do congresso viesse a publico defini-lo e sustentá-lo. E o sr. Virgilio Crespo que o sustentou com bons factos e boas palavras!

Vão ouvindo os leitores. E vá ouvindo a sr.ª Folha do Povo, para não mentir nem trapacear!

O Damião de Goes publica um artigo que tem o valor de ser escripto, sem duvida, por um jornalista muito considerado nas opinencias republicanas e que nunca esteve em dissidencia com os chamados chefes.

N'esse artigo, o seu auctor acredita que os chefes republicanos fossem sinceros na proposta jacinthacea, mas ao mesmo tempo escreve que os—desnordeou a gruta miragem de sobraçarem brevemente algumas pastas. Então, se o articulista crê n'isto, como não crê na apostasia ou na traição do directorio? Se amanhã vir o sr. Jacintho Nunes ou o sr. Consiglieri Pedrosa ministros do sr. D. Luiz de Bragança, continua a tê-los na conta de homens honrados ou de traidores e vendidos? E o facto está nas intenções. Se julga que os chefes visavam a uma pasta, como nós julgamos tambem, ou venham a ser ou não venham ministros, do sr. D. Luiz de Bragança, ou permaneam no campo republicano ou não permaneam, perderam toda a confiança da democracia portugueza, porque—esteiro que faz um cesto faz um cento. A questão foi elles a lmittirem a possibilidade de poderem governar com a monarchia. E se isso não é apostar de todos os principios e doutrinas que tem defendido até hoje quer na tribuna, quer na imprensa, quer no comicio, confessamos que não temos então a minima ideia do que seja apostasia.

De resto, o artigo do collega é excellente pela boa convicção que o dicta e para nos satisfazer basta o diploma d'incapacidade absoluta que passa ao directorio. Directorio, que depois de ter cahido em tantas alhadas ainda cahiu n'esta ultima, que vá tratar d'outro officio que para dirigir partidos não serve. Serve mais é para o escangalhar, para o dividir como prova o collega, e infelizmente já o vem dividindo ha muito.

Seguem alguns periodos do artigo do Damião de Goes:

A republica é uma forma de governo, instituída se ha harmonia e ligam estreitamente, formando um perfeito machinismo; o mais simples, o mais economico, o mais progressivo, de todos quantos até hoje tem merecido o nome de estado ou governo dos povos. Distingue-se radicalmente da monarchia, que impregna do seu vicio de privilegio toda a administração publica.

Reformas liberaes, reformas democraticas dentro da monarchia, são uma burla d'espectador manhoso, um expediente para ir vivendo furtivamente á custa dos que trabalham. Concede-se a monarchia quando lhe augmentam a força, o prestigio, a lista civil; oppõe-se-lhes tenazmente, deturpa-as, illude-as, quando lhe atacam as prerogativas, ou vão de encontro aos seus interesses economicos. Tem-n'o provado a historia de todos os paizes, especialmente do nosso, ainda bem recentemente.

Supponhamos, porém, que taes reformas s'o perfeitamente exequíveis dentro da monarchia. Pois será necessario que para as realisar entrem no governo ou no parlamento os republicanos? Não estão lá os partidos monarchicos a abarrotarem do homem, que se dizem em familia democratas e até republicanos? São essas reformas necessarias e compatíveis com a monarchia? Elles que as façam, que é o seu dever... e o seu interesse. Não venham especular com o partido republicano pedindo-

lhe um auxilio, que elles só devem esperar da opinião publica, preparando-a e convencendo-a pela sua imprensa.

Mas a tactica foi outra.

Ha muito que os partidos republicanos incommodam as monarchias do occidente da Europa; e isto não tanto porque os reis vejam ameaçados os seus thronos, mas porque as classes conservadoras entrevêm na republica o primeiro passo para a revolução social. São ellas que se concentram em volta dos thronos, como n'um campo de batalha os restos das forças destróidas se agrupam em torno das bandeiras, tentando ainda um derradeiro arranco de resistencia heroica.

Os reis, só por si, o que poderiam em favor dos seus thronos, se as classes conservadoras os não defendessem das investidas populares?

Os exemplos da França actual, sobretudo, que estão orientando no sentido democratico todas as nações do occidente, sem exclusão da propria Inglaterra, assumam os governos tradicionais, que se não poupam a estratagemas tendentes a destruir ou pelo menos contrariar o mais possível o movimento republicano.

Obedece a este calculado intuito a desagregação do partido regenerador, e as negociações que precederam a proposta Jacintho Nunes.

Não se tratava de obter reformas liberaes para o paiz, mas de aniquillar ou derrear um partido já temeroso, empalmado-lhe ou comprometendo-lhe os seus principaes chefes.

Esta é que é a verdade.

Quaes os resultados, se a proposta fosse approvada? Os resultados certos, positivos?

O primeiro, e immediato, era o fraccionamento do partido republicano; como em parte succedeu já, com a simples apresentação da proposta. E não falamos do grupo que se diz radical, tão suspiçaz que em todos os chefes não vê senão vendidos e traidores, mas da fracção do partido que lucha ha muitos annos tenazmente pelo credo republicano, em toda a pureza dos seus principios e com a intrinsigencia que é indispensavel a todos os partidos revolucionarios.

Deve a monarchia ao sr. Barjona mais esta prova de estrategia politica, que o guindou ao titulo de primeiro habilitado do paiz.

E abeo sem sahida a via que tem percorrido o partido republicano? Porque não dá empregos publicos; pastas, entradas no parlamento, influencia e honras extraordinarias e deslumbrantes? Porque não permite fundar a republica em Portugal?

Vejam o que são opiniões. Ainda ha dias um jornalista monarchico fazia de pender a proclamação d'aquella forma de governo d'este simples facto: tornarse republicana a folha diaria de maior publicidade entre nós, o Diario de Noticias.

A proclamação da republica ha de v' fatalmente, mathematicamente, trazida pela crise economica que a concorrencia da America determinou em toda esta velha Europa de reis absolutos, dos exercitos permanentes e das grandes esquadras. Ha de trazel-a a fome, perante a qual cessam todas as despesas improductivas, todas as dissipações escandalosas.

Dez, vinte, trinta annos, meio seculo que se demore ainda essa medonha crise, que importa isso na vida de um partido? Vamos preparando o terreno para attenuar o conflicto, diminuir-lhe os atritos, aplanar-lhe as resistencias, que serão tanto mais fortes, quanto mais fortes e difficis de superar.

Pode servir-nos de instrumento a monarchia? Não, porque essa só trata de si, de subsistir através das tempestades sociais, especulando com todas, sem que a sua pretendida estabilidade aproveite senão a ella, convertendo-se em instabilidade e incerteza, sempre que os interesses dynasticos a levem a sacrificar os povos á sua ambição de reinar sobre mais ricos e extensos territorios.

São só energúmenos e insignificantes os que combatem a proposta? Que graça! Tem grande valor esses epithetos partindo de um jornalista monarchico! Ainda assim devemos agradecer-lhe a amabilidade. Peior do que isso se tem chamado uns aos outros esses que nos pretendem agora amesquinhar por lhes desfazerem as tramas.

Não! O partido republicano, mau grado das fações monarchicas, ha de mudar de rumo e seguir um caminho pratico. Estejam certos d'isso, descancem. Aplanam-lhe a marcha irresistivel os desvarios das fações monarchicas, a louca dissipação da riqueza publica, a crise economica geral que se aproxima, e que fatalmente subverterá os thronos, aqui, na Hespanha e na Italia, levando estas nações á constituição necessaria dos Estados-unidos da Europa. Morrem hoje todos os republicanos portuguezes, que amanhã resurgiria o partido mais vigoroso do que nunca das suas proprias ruinas.

Ou então era o caso de julgarmos irremediavelmente condemnada a desaparecimento a nacionalidade portugueza.

E para avançarmos, e para que o partido republicano mude de rumo e siga um caminho pratico, e para que affrontemos a monarchia de vez é impreterivel não

abdicar nem confiar mais em chefes da cathogoria dos que temos tido até hoje. Basta de licções. De contrario marcaremos passo constantemente. Com vezes o temos escripto e ainda bem que os factos o confirmam.

CORREIOS E TELEGRAPHOS

A corporação telegrapho-postal está sendo prejudicada (para não nos servirmos de termo mais apropriado) pelo sr. ministro das obras publicas.

S. ex.ª não contente com ter ludibriado esta corporação com as escandalosissimas nomeações que fez e com a inutilissima organização de 29 de julho de 1886, está lesando os interesses dos candidatos aos ultimos concursos de 1.ª e 2.ª aspirantes de uma forma pouco digna. Os concursos para 2.ª aspirantes realisaram-se em 20 de fevereiro, concorrendo 30 candidatos; pois até esta data ainda se não deram os despachos.

Ao principio deu-se como desculpa o sr. ministro e dois dos membros do jury estarem entretidos com as questões d'alta politica que se trataram no parlamento e não terem portanto tempo para avaliar não as provas dos candidatos, mas sim as influencias que se interessavam por elles.

Agora dá-se como justificação o suas ex.ª andarem em villigatura. Isto é torpe, isto é vergonhoso.

Trataremos com vagar e desapaixonadamente d'esta questão de correios e telegraphos, que é importantissima, e não nos esqueceremos muito especialmente de tratar dos relevantissimos serviços que tem prestado certo sujeito que se honra de pertencer á corporação e onde conta numerosos amigos, por nos merecer especial attenção.

Agora, que sabemos a razão porque se dispensa aos fieis uma protecção escandalosissima porque se lhes pagam bons ordenados para não fazerem nada, que se lhes tira todo o serviço de responsabilidade para sobrecarregar os 2.ª aspirantes e aspirantes auxiliares com muitos annos de serviço e pessimamente remunerados, teremos assumpto para mostrar ao publico o que é esta corporação e que aqui não se trata de servir bem o publico, mas tão sómente de anichar a familia e os correligionarios.

O publico saberá então porque é pessimamente servido.

A corporação telegrapho-postal o que não tem é consciencia dos seus direitos; tem-se deixado espesinhar e calcar por todos que o tem querido fazer e por isso soffre-lhe as consequencias, ludibricam-n'a, escarnecem-n'a, prejudicam-n'a e ella impessivel a tudo e soffrendo resignadamente.

Carta da Bairrada

Setembro 9.

Cá estamos de novo no nosso posto de modesto chronista dos acontecimentos da Bairrada. E d'esta vez principiamos por uma noticia bem triste: a inspecção official que se está fazendo aos vinhedos do concelho da Mealhada vai reconhecendo que a invasão phylloxerica tem alli proporções verdadeiramente assustadoras. Contavamos com isto mesmo, quando ha dois mezes tivemos de referir-nos a um correspondente da Mealhada para o Primeiro de Janeiro, que dava os vinhedos do concelho na mais ridante das situações, sem uma mancha sequer que fizesse desamimar os viticultores. Que supina ignorancias, ou que tola boa fé!

Quando nós sustentavamos, á vista do resultado da inspecção official de 1883 e das noticias

particulares que diariamente colhiámos, que o concelho da Mealhada era um «concelho phylloxerado» respondia-se-nos que elle só poderia ser, quando muito um «concelho suspeito.» O que dirão agora os correspondentes officiosos, sabendo que rara é a vinha do concelho onde não se tenham encontrado nodos phylloxericas?!

Que ao menos esta triste decepção para os que até aqui viam tudo pelo lado côr de rosa, possa servir de estímulo para se iniciar na Bairrada uma cruzada de tratamento ás vinhas doentes, é o unico mal que nós desejámos aos que nos tem accusado de visionarios, quando nos viam na brecha, alarmando os viticultores para que se precatassem contra o flagello que lhes batia á porta.

Mas estamos certos de que ainda d'esta vez hade predominar a incuria que tanto temos condemnado, e da qual estão hoje sendo victimas os principaes proprietarios de vinhas do concelho da Mealhada.

Pois, sabendo elles pela inspecção de 1883, que havia vinhedos atacados n'uma area grande, e que convinha observar todos os annos as vinhas proximas, tendo um posto de tratamento a dois passos — em Orta — porque não recorreram a elle para que o pratico lhes fosse inspecionar as propriedades?

Descançaram cerca de 4 annos e só agora, já tarde para alguns, se lembram de pedir providencias. O que se passa na Mealhada é o que se tem passado em Anadia e o que se vê em quasi todos as regiões vinhateiras do paiz, o que nos leva a crer que a viticultura portugueza precisará ainda por largos annos da tutela official. E' um grande mal, mas seria peor ainda que o Estado deixasse á discricção, diante de uma crise medonha, a negligencia e a rotina da maioria dos viticultores portuguezes.

Temos as vindimas á porta, devendo começar as principaes no dia 12 do corrente. A uva está em boas condições de maturação e deve produzir um bom vinho, se o côrte se fizer por tempo ameno e enxuto.

Aguns pequenos proprietarios, receiosos talvez de que a camara d'Anadia publicasse novo accordam para a vindima se fazer no meiado d'este mez, sob pena de multa, principiarão ha dias a recolher os cachos e devem ter feito um vinho averdado que nada honrará a localidade. Estas precipitações é que desacreditam muitas vezes o vinho d'uma região.

A colheita espera-se que seja um pouco maior do que a do anno passado, mas não é abundante, como já vi escripto n'alguns jornaes que, á mira de colherem noticias frescas, as dão muitas vezes inexactas. Assim, por se ter começado a vindima no concelho d'Agueda, que é uma pequena região de vinhos verdes, que nada tem com a Bairrada, já alguns jornaes escreveram que se andava aqui na grande faina da vindima, quando a verdade é que só do dia 12 em diante é que começam as grandes vindimas n'esta localidade.

Cada vez se vae notando mais no concelho d'Anadia a falta de uma auctoridade administrativa que possa desempenhar dignamente o seu logar. Todos os dias, ou quasi todos, se lança fogo a diversos pinhaes, sem se descobrir até aqui quem tenham sido os criminosos. Falla-se tambem em assaltos nocturnos a alguns individuos residentes na villa. O actual administrador é um octogenario, que vive affastado e sem dispôr de força nem de auctoridade para dar immediatas providencias a bem da segurança publica.

Am tempo em que trabalham 400 pessoas na estrada de Luzo, junto ao maravilhoso chalet do sr. Navarro, tornando-se commum o trafego no movimento de terras da estrada e do parque, e andando pago em dia todo o pessoal empregado em alindar a principesca vivenda do sr. ministro das obras publicas, ao tempo em que isto se passa, os pobres cantoneiros e mais empregados das estradas districtaes que atravessam a Bairrada, estão sem receber o seu vencimento ha um mez, á espera de ordens superiores, cuja demora já lhes vae parecendo meio caminho andado para morrerem á fome.

Um dia d'estes desembarcou em Mogofores um contingente de 21 praças do 9 de infantaria, commandadas por um alferes, que vinha fazer a policia preventiva de um arraial na insignificante aldeia de Amoreira da Gandara, a 5 kilometros de Mogofores. E' curioso que se mandasse vir de Lamego (!) um destacamento de 21 praças para fazer a policia d'um arraial d'aldeia, na Bairrada, e isto a pedido d'um influente da localidade, que receiava que houvesse conflicto entre as duas phylarmonicas que tocavam na festa! E sabem de quem o alferes recebia as ordens junto do arraial, se acaso se desse algum conflicto? D'um cabo de policia sertaneja, arvorado em representante da auctoridade administrativa!

Assim se gasta o dinheiro do pobre contribuinte e assim se expõe o exercito a fazer a policia preventiva dos arraiaes d'aldeia, como se fosse esta a missão para que o sustentam, com enormes sacrificios, as nações cultas.

Ao influente que reclamou a força, ao governador civil que satisfez o pedido, e á divisão militar que condescendeu em mandar vir de tão longe um destacamento para apenas figurar n'uma proccissão d'aldeia, devem ter ficado as cabeças a arder... de gloria e de bom senso.

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

O sr. Alfredo Pinto de Gouveia Osorio, thesoureiro-pagador d'este districto, foi transferido para recebedor da comarca de Valença. Para aquelle lugar foi nomeado o sr. Viriato Ferreira Pinto Basto.

Conta uma folha da Povia de Varzim que o parochio da freguezia de Garfe, d'aquelle concelho, morrendo Manuel José Gonçalves, utilisou em proveito proprio os sentimentos religiosos da sua confessada, Delfina da Costa Vieira, mulher já de idade, conseguindo que ella lhe doasse, por escriptura publica, parte dos seus haveres em propriedades e letras, não podendo ser doada a outra parte pela falta de uma legalidade.

A doadora tem irmãs e parentes pobres, e, segundo o asseveraram, declarou que fôra a isso induzida pelo parochio.

Os irmãos e parentes de Delfina Vieira vão intentar a annullação da escriptura.

Tem andado em exercicio, no campo do Rocio, sob o commando do sr. alferes-picador, algumas praças do regimento de cavallaria 10.

O pyrotechnico Antonio Mendes, de Lamego, estando ha dias a preparar uma bomba, em cuja composição entrava a perigosa substancia do clorato de potassa, foi victima d'uma enorme fatalidade.

A bomba explodiu intempesivamente, ficando o pobre artista sem um braço e com o outro medonhamente lacerado.

O infeliz, que é casado e tem filhos, deu entrada no hospital de Lamego.

Na quinta-feira, á noite, houve um torneio entre as duas phylarmonicas d'esta cidade, n'uma festa realisada na beira-mar. Com receio de que houvesse algum conflicto entre os partidarios das referidas phylarmonicas, foi para alli mandada, além da policia, uma força de cavallaria. Felizmente correu tudo na melhor ordem, não havendo o mais pequeno incidente.

Ambas as phylarmonicas se houveram d'uma maneira irreprehensivel, tocando alternadamente até perto das 2 horas e meia da madrugada. Os programmas foram variadissimos, sendo executados lindissimos trechos de musica.

São dignos de elogio os seus respectivos regentes, que empregaram os maiores esforços para as apresentarem bem ensaiadas.

Quando a phylarmonica Aveirense acabou de tocar uma peça de musica, um grupo de rapazes foi offerecer-lhe uma linda corôa de louros, da qual pendiam umas fitas de setim onde estava gravada a seguinte dedicatória em letras douradas: — *Offerecem á Phylarmonica Aveirense os seus admiradores—1887.* Por esta occasião foi lançado muito fogo ao ar e levantados vivas áquella phylarmonica.

Foi um passatempo agradável, e como a noite estava lindissima, poucas pessoas deixaram de o ir gozar.

Emfim, ambas as phylarmonicas mostraram que têm progredido muito n'estes ultimos tempos.

Vão ser consideravelmente activados os trabalhos da ponte internacional sobre o rio Agueda, em Barca de Alva, a fim de que ainda no corrente mez possam transitar comboios sobre ella.

Vae ser mandado para alli algum pessoal operario.

Sóbe a setenta e seis o numero de jogadores que este anno se tem suicidado, em Monte Carlo, por effeito de enormes perdas ao jogo.

O mais recente foi o de um rico proprietario de Avinhão, que em poucas horas perdeu uma enorme fortuna, ficando sem um unico franco.

Deu entrada no Limoeiro, em Lisboa, um celebre padre que por duas vezes tentou assassinar uma rapariga da villa de Aldeia Gallega.

A determinação que acaba de tomar a Hungria de participar, com a protecção e adhesão do seu ministerio, ao Grande Concurso de Bruxellas, excitou logo na Austria grande emulação. A commissão já formada de Vienna activou ainda mais a sua propaganda e as ultimas noticias que a commissão executiva de Bruxellas recebeu indicam que o compartimento austriaco será particularmente notavel a respeito do que trata de porcelanas e vidros, as vendas e fazendas, joalheria, mobilia e ferragens.

As numerosas sympathias que em Austria gozam os belgas, asseguram ao Grande Concurso o apoio de todos os industriaes das margens do Danubio; e a exposição dos ditos industriaes, pelos seus brilhantes recursos e notaveis riquezas, possuirá um atractivo excepcional e dará grande impulso ao zelo das nações competidoras.

Baixou o preço da carne de vacca nos talhos d'esta cidade. Vende-se agora a 180 réis o kile.

Um medonho incendio reduziu a cinzas, na noute de 6 do corrente, o theatro de Exeter, condado de Devon.

O incendio deu-se quando o theatro estava quasi cheio de gente e faltava uma hora para terminar o espectáculo. Teve principio em um bastidor e em um instante communicou-se aos outros bastidores, sem dar tempo a lançarse mão das mangueiras e bocças de incendio que havia no interior do theatro.

Foram arremeçadas ás chammas algumas bombas, cheias de materias extintorias de incendios; mas não produziram effeito porque o fogo apoderára-se com violencia do tecto do palco, impellido pelas correntes de ar.

Produziu-se o panico mais espantoso no theatro ao vêrem-se as chammas e a grande fumarada do incendio. Os artistas fugiram em debandada, loucos de terror.

Muitos dos espectadores, vendo que não havia meio de sahirem pelas portas, dirigiram-se para as janellas, mas ou porque chegassem a ellas meio asphyxiados ou porque ao abril-as a corrente de ar impellisse as labaredas para elles, o que é certo é que junto d'essas janellas morreram muitos.

A's 2 horas da manhã o theatro estava completamente destruido.

Referem-se scenas de abnegação sobrehumana.

Houve, por exemplo, maridos que, podendo salvar-se fugindo sós, não quizeram abandonar suas mulheres e morreram com ellas.

Os hospitaes estão cheios de feridos e contusos.

Segundo referem os telegrammas, já se extrahiram 112 cadaveres, havendo muitos outros que é impossivel serem reconhecidos, por estarem completamente reduzidos a cinzas.

Tem-se vendido ultimamente em Basto a la pipa de vinho ao preço de 10\$000 e 13\$000 réis, ou 500 e 600 réis o almude, segundo a sua qualidade.

Em alguns pontos do concelho de Vianna já começaram as vindimas, sendo grande a colheita.

Tem-se vendido no lagar algumas pipas de vinho a 9\$000 réis, esperando-se que mais ao deante desça o preço a 7\$000 réis.

Cadeiras de ensino primario a concurso:

Bouças — Elementar do sexo masculino na freguezia de Ramalde; ordenado 100\$000 réis.

Pesqueira — Complementar do sexo masculino na sede do concelho, elementar do mesmo sexo na freguezia de Varzeas e elementar do sexo feminino na freguezia de Paredes; ordenado da primeira 180\$000 e de cada uma das outras 100\$000 réis.

Guarda — Elementar do sexo masculino na freguezia do Rachoso; ordenado 100\$000 réis.

Fafe — Elementar do sexo masculino na freguezia de Ardegão; ordenado 100\$000 réis.

Almodovar — Elementares mixtas nas freguezias de Santa Cruz, Graça de Padrões e S. Sebastião de Gomes Ayres; ordenado de cada uma 120\$000 réis.

Sinfães — Elementares do sexo masculino nas freguezias de Bustello, Espadanedo e Fontellos; ordenado de cada uma 100\$000 réis.

Coruche — Elementar do sexo masculino na freguezia de Santa Justa; ordenado 100\$000 réis.

Está tambem a concurso a cadeira primaria de Castro Daire, com o ordenado de 100\$000 réis.

A imprensa londrina tem dedicado n'estes ultimos dias artigos á chegada áquella capital do rei mais divertido do mundo, a julgar pelo seu appellido—Já-Já, que tem os seus Estados nas bocças do Niger.

O rei Já-Já foi a Londres, acompanhado por outros dois regulos africanos, para pedir á rainha Victoria, que, respeitando os trata-

dos, prohiba aos mercadores inglezes tirarem productos do interior, sem pagar os direitos de exportação que elles têm estabelecido a quanto sahe pelas bocças do Niger.

Estes reis africanos não são uns pobretões. Ha annos, quando estavam em vigor os tratados cuja força reclamam hoje, cobrava cada um d'elles milhão e meio por anno, termo medio.

Os tres fallam inglez. Um d'elles foi educado na Inglaterra e não ha muito que um viajante o encontrou nu, sentado á sombra de uma arvore e absorto na leitura d'um livro de mathematica.

Mas, apesar dos artigos dos periodicos, a sociedade ingleza não quer fazer caso de Já-Já nem dos seus dois amigos. Tem chegado mesmo a fazer grande troça d'estes reis pretos.

Ha poucos annos desembarcou em Liverpool um rei Peppel, que foi o menino bonito de todo Londres. As velhas estavam encantadas, porque elle promettera subsidiar as missões que se fossem estabelecer no seu paiz. Entrou para uma sociedade de temperança, abjurando para sempre o rum e as suas delicias. Fallou em deixar estabelecido um consulado em Londres, e por ultimo partiu, levando na sua companhia um poeta laureado, que lhe cantasse as glorias, uma dama de honor para as suas rainhas, um agricultor para lhe tratar do amanhã das suas terras e varios missionarios.

O poeta conheceu em pouco tempo que a unica coisa que poderia cantar eram as borracheiras de seu amo!

A dama de honor ingleza, que sonhava com titulos e com os esplendores da côrte, descobriu que o palacio real se compunha d'umas tantas cubatas de barro, que as rainhas andavam nuas e que a unica toilette a queahi se podia recorrer era o azeite de palma para untar o corpo. Enquanto aos missionarios e ao agricultor estava-lhes reservado um destino bem mais triste. Encontraram asquerosa tumba nos estomagos dos subditos do rei Peppel!

Desde então a sociedade ingleza, quando quer reis pretos, é de longe.

DESPEDIDA

SIMÃO MONTEIRO DE CARVALHO & C.ª, tendo retirado para a praia de Espinho, onde foram abrir a filial da sua casa de modas, na fórma dos annos anteriores, despedem-se dos seus numerosos clientes e amigos, offerecendo-lhes os seus serviços n'aquella praia, onde se conservarão por toda a epocha balnear.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Simão Monteiro de Carvalho & C.ª

Carreira de carros para os banhos da Barra

Vão principiar breve a fazer carreira para a Barra os carros de Fernando Homem Christo. Todas as pessoas que desejarem logares para irem tomar banhos, deverão fazelo o mais breve possivel, pois que os logares de dentro serão dados ás pessoas que primeiro os requisitarem, e estão já quasi todos tomados.

BIBLIOGRAPHIA

Camões. — Publicou-se o n.º 10 d'este curioso semanario portuense, que abre por um artigo de Tito de Noronha sobre uma questão camoneana, e contem mais, além d'outros assumptos, uma poesia maliciosa de Maximiliano de Azevedo, um artigo muito chistoso de Eduardo Coelho, etc.

E' uma publicação que vae grangeando popularidade.

Historia de Victor Hugo. — Sahiu o 21.º fascículo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos.

A Martyr. — E' um interessante romance editado pela empreza dos Serões Romanticos. Recebemos o fascículo 35. Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

Revista de Medicina Dosimetrica. — Recebemos o numero 9 do 3.º anno. Assigna-se na pharmacia J. B. Birra, Lóyos, 36—Porto.

A Illustração Portuguesa. — Recebemos o n.º 7 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

PUBLICAÇÕES

CAMILLO CASTERLO BRANCO

AGOSTINHO DE CEUTA

DRAMA HISTÓRICO EM 4 ACTOS

3.ª edição emendada

VENDE-SE na Livraria Cruz Coutinho, editora, — rua dos Caldeireiros — PORTO.

Preço, 210 réis

GUIA

DO

NATURALISTA

COLLECCIONADOR, CONSERVADOR E PREPARADOR

POR

EDUARDO SEQUEIRA

Com 73 gravuras e 7 planchas de especimens vegetaes

Um volume brochado, 600 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.

A' livraria—CRUZ COUTINHO—Rua dos Caldeireiros, 18 e 20.—Porto.

Edição monumental

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 16 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concluido o primeiro volume.

As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de **CLAVEL & C.ª**

EDITORES

119, RUA DO ALMADA, 120 — PORTO

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Imprimem-se cartões de visita, avisos, participações de casamento e cartas de convite

PREÇOS CONVINDATIVOS

O Camões

SEMANARIO

Romances, contos, viagens, sciencias ao alcance de todos, curiosidades, anedotas, charadas, poesias, actualidades, biographias, revistas de theatro, criticas litterarias, humorismos, cousas uteis, narrativas historicas, leituras de familia, moral a religião, educação, progressos artisticos, maravilhas da industria, comemorações patrias, descrições de monumentos, antigualhas, usos e costumes estrangeiros.

Cada numero consta de quatro paginas, a tres columnas, bom papel e typo. Publica-se aos domingos.

O preço da assignatura para o Porto, é de 13000 réis por anno, 500 réis por semestre e 250 réis por trimestre; para a provincia, 15200 réis por anno, 600 réis por semestre e 300 réis por trimestre. Numero avulso, 20 réis; fóra do dia, 40 réis.

Aos srs. correspondentes na provincia abonar-se-ha a commissão de costume, responsabilizando-se por qualquer numero de assignaturas.

Escritorio da administração, rua dos Caldeireiros, 250—Porto.

Tambem se recebem assignaturas na Livraria Chardon, Lugan & Genelioux, successores, rua dos Clerigos, 96—Porto.

ANGELINA VIDAL

A PROVOCAÇÃO

CARTA AO REI

A proposito do conflicto parlamentar entre o ex-ministro da marinha e o deputado Ferreira d'Almeida. — Preço 60 réis.

BIBLIOTHECA DA MOCIDADE. — Director, — Francisco Silva, — Travessa da Espera, 63—Lisboa.

A MARTYR

POR EMILE RICHEBOURG

Edição illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.

VERSÃO DE JULIO DE MAGALHÃES

10 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana. — DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.

A' sorte pela loteria — 1000000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo oportuno uma cautella com 5 numeros.

No fim da obra — Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaría e Avenida até á margem sul do Tejo.

Assigna-se no escritorio da empreza editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 1.ª—Lisboa.

INSTRUCCÃO PUBLICA

Os exames de admissão aos lycées

SEGUNDO OS PROGRAMMAS DE

Instrução primaria complementar

Publicados no «Diario do Governo» de 28 de julho de 1887. Com as rectificações feitas no mesmo «Diario» de 30 de julho do corrente anno. — (Transcripção fiel do «Diario do Governo»

PREÇO 100 RÉIS

A' VENDA na Typographia Luzo-Brazileira, editora—5, Pateo do Aljube, 5—Lisboa.

ANNUNCIOS

Casa na Barra para alugar

MANUEL MARIA CALÇÃO tem uma para arrendar durante o mez de outubro. Quem a pretender póde dirigir-se ao mesmo, que habita n'aquelle local.

VENDA DE CASAS

VENDE-SE uma nova, alta, com quintal e poço, e construida de pedra, que faz frente para a rua da Sé e frente para a rua da Cadeia e tem sahida para a rua do Roxo. Quem a pretender falle na mesma com o dono.

Francisco Augusto Duarte.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approved nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorizada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

ANGELO DA ROSA LIMA COM

OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS
Aveiro, Rua dos Mercadores, n.ºs 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commodas, meias commodas, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.

Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como galerias, epatères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competidor n'esta cidade.

Agencia Economica, Maritima e Commercial



Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).

Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

28:000 RÉIS

Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.

Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.

Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.

Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23.

Manuel José Soares dos Reis



Na rua dos Mercadores n.ºs 19 a 23, em Aveiro, faz e guarda-soes de todas as qualidades,

conceitam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.

Trabalhos perfeitos e preços barattimos.



Vinho Nutritivo de Carne

Privilegiado, auctorizado pelo governo, e approved pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastrodynia, gastralgia, anemia ou insecção dos orgãos, rachtismo, consumption de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellent «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltucros das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco-Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

EM

— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.